

Sobre a formação dos chamados diminutivos no Português Europeu

Alina Villalva

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
Laboratório de Psicolinguística

Abstract

The use of diminutives in European Portuguese (Lisbon dialect) was tested with 100 informants that had to fill the blanks within a large set of sentences. The results show that (i) the instruction given (ie. ‘form a diminutive’) was systematically interpreted as ‘form a word using the suffix *-inh(o/a)* or the suffix *-zinh(o/a)*’; (ii) in 98% of the cases, no restrictions to the formation of diminutives show up; (iii) the preference for the *-zinh(o/a)* suffix is due to processing requirements; and (iv) that the structure of *-inh(o/a)* and *-zinh(o/a)* words presented in Villalva (2008) matches the pattern that the speakers prefer.

Keywords: Word-formation, diminutives, European Portuguese.

Palavras-chave: Formação de palavras, diminutivos, Português Europeu.

Como muitas outras línguas, o Português possui diversos recursos para a formação de palavras que estabelecem um juízo de valor sobre o conteúdo semântico da sua base, e que vão dos mais facilmente reconhecíveis, como a modificação por sufixação (cf. 1) ou por prefixação (cf. 2) e a derivação (cf. 3), aos casos menos comumente reconhecidos como tal, e que incluem compostos morfológicos (cf. 4), formas truncadas (cf. 5) ou um mero contraste temático (cf. 6)¹:

- | | | |
|-----|-------------------|------------------------|
| (1) | <i>livr(o)</i> | <i>livr-inho</i> |
| (2) | <i>animado</i> | <i>super-animado</i> |
| (3) | <i>fit(a)</i> | <i>fit-ilho</i> |
| | <i>beij(o)</i> | <i>beij-oca</i> |
| (4) | <i>tecnologia</i> | <i>nan-otecnologia</i> |

¹ A análise aqui apresentada assenta nos pressupostos discutidos em Villalva (2000) e Villalva (2008). Veja-se também Wiltschko (2006).

- (5) *comumista* *comun-a*
 (6) *cabeça* *cabeç-o*

Juntar todos estes casos sob a mesma etiqueta, a de ‘avaliativo’, pode ser questionável, dado que enquanto uns se encaixam de forma mais ou menos ordeira na semântica prototípica dos juízos de valor relativos a relações de grandeza (aumentativo e diminutivo) ou dependentes da apreciação do locutor (valorativo e depreciativo)², outros estabelecem relações de hiponímia menos facilmente generalizáveis: uma *beijoca* é um ‘tipo de beijo’ e um *florão* é um ‘tipo de flor’, mas a relação de *beijoca* e *florão* com as suas bases não é do mesmo tipo³.

Por outro lado, a esta multiplicidade de valores semânticos pela qual a interpretação dos avaliativos se desdobra, há que somar que o uso de alguns dos recursos acima referidos não encaixa em nenhuma das categorias semânticas acima referidas, como se verifica em (9), por oposição a (7) e (8):

- (7) *Esta casinha* (= *pequena casa*) não serve para uma família numerosa.
 (8) *Depois de uma longa viagem adoro voltar à minha casinha* (= *querida casa*).
 (9) *E não gostaria de ir ver esta casinha* (= que eu quero mesmo vender-lhe)?

Com efeito, no registo oral⁴ do Português Europeu, sufixos como *-inh(o/a)* e *-zinh(o/a)*, para além da expressão de grau (cf. 7) e da veiculação de juízos de valor (cf. 8), desempenham, em contextos semelhantes ao que é exemplificado em (9), uma função estritamente retórica, de *captatio benevolentiae*, característica de muitas situações de diálogo (eg. *É só um cafezinho?*, *Podes-me dar uma ajudinha?*, *Preciso de um favorzinho teu.*). Por outras palavras, apesar de estar presente o sufixo *-inha, casinha* (em 9) não é um diminutivo, e também não é um outro tipo de avaliativo. No entanto, para a generalidade dos falantes (e na generalidade das descrições técnicas), é como diminutivo que este sufixo é classificado.

O trabalho aqui relatado parte destas constatações, e desenvolve-se em busca de resposta a algumas questões particulares sobre como é que a instrução de formar um diminutivo é interpretada pelos falantes no Português Europeu⁵, o que implica (i) saber se esta tarefa é sempre possível de cumprir, (ii) qual é o recurso mais frequentemente

² Verifica-se aliás, muitas vezes, que os diminutivos trazem associada uma interpretação valorativa, enquanto os aumentativos mais facilmente veiculam uma interpretação depreciativa.

³ Houaiss (2009) descreve *beijoca* como ‘beijo leve [...] que faz ruído [...], beijo estalado’, enquanto *florão* é identificado com um ‘ornato que imita e reproduz flores’.

⁴ No registo escrito a ocorrência destes sufixos baixa muitíssimo. A análise aqui apresentada visa mostrar que este contraste decorre das propriedades dos sufixos e adequação discursiva e não da subjectividade dos falantes.

utilizado, e (iii) que desvios de gramaticalidade morfológica se registam nestas formas.

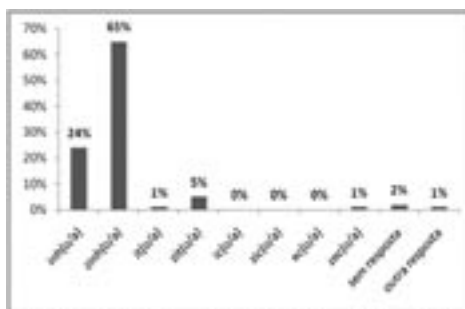
A observação experimental realizada no âmbito do Seminário de Morfologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2008/2009) foi feita com base na aplicação de um inquérito escrito a cerca de 100 falantes nativos do Português Europeu, que constituem um grupo linguisticamente homogéneo (jovens adultos, naturais do distrito de Lisboa e estudantes universitários). Foi-lhes pedido que formassem um diminutivo a partir de um nome, num contexto sintáctico neutro.

As bases nominais testadas foram seleccionadas em função do número de sílabas (1, 2, 3 e 4 ou mais), do género (feminino, masculino e comum de dois) e da classe temática a que pertencem (tema em *-a*, em *-o*, em *-e*, tema \emptyset e atemáticas, i.e. Δ), distribuídos da seguinte forma:

	1 sílaba				2 sílabas				3 sílabas				4 ou mais sílabas				T
	F	M	CD	T	F	M	CD	T	F	M	CD	T	F	M	CD	T	
<i>-a</i>					5	3		8	7	5	3	15	4	3	4	11	34
<i>-o</i>					3	3	1	7	1	4	3	8		5		5	20
<i>-e</i>					2	3	1	6	6	3	3	12	4	7	5	16	34
\emptyset	5	5		10	2	2	1	5	3	7	1	11		4	1	5	31
Δ	5	4		9	1	3		4	5	4		9	5	2	2	9	31
T	10	9	0	19	13	14	3	30	22	23	10	55	13	21	12	46	150

A análise dos resultados mostra que quase todos os informantes preenchem quase todos os espaços em branco. A percentagem de não-respostas é muito baixa (2%) e talvez não esteja relacionada com a impossibilidade de formar o ‘diminutivo’, mas sim com a dificuldade de encontrar uma realização adequada. Quanto às preferências dos informantes, os dados indicam que:

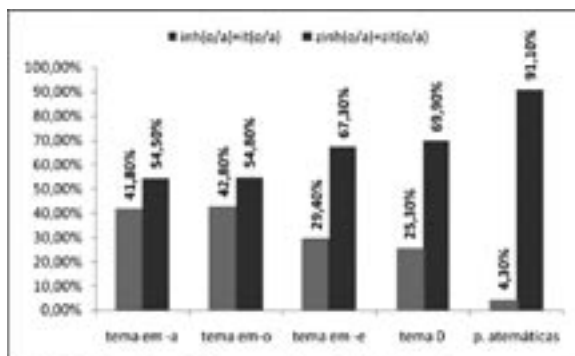
- 89% das respostas faz uso dos sufixos *-inh(o/a)* ou *-zinh(o/a)*;
- o sufixo *-zinh(o/a)* se destaca de todos os restantes, dado que é escolhido em 65% dos casos;
- o conjunto dos z-diminutivos (i.e. *-zinh(o/a)*, *-zit(o/a)*, *-zic(o/a)* e *-zec(o/a)*) corresponde a 69% das escolhas;



⁵ É menos do que mais o que se sabe sobre o uso dos diminutivos no Português. O trabalho de Skorge (1956) pode servir de exemplo de descrições do uso feitas com base em intuições de gabinete. Sobre a distribuição de *-inho* e *-zinho*, afirma esta autora o seguinte: “entre o povo emprega-se muito *-inho*. Os portugueses cultos tendem a empregar diminutivos em *-zinho*.” Como veremos adiante, esta afirmação não é comprovada pelos dados obtidos e aqui descritos.

• o contraste entre diminutivos e z-diminutivos é constante, nos quatro pares considerados, sempre estes últimos sempre mais escolhidos do que os primeiros.

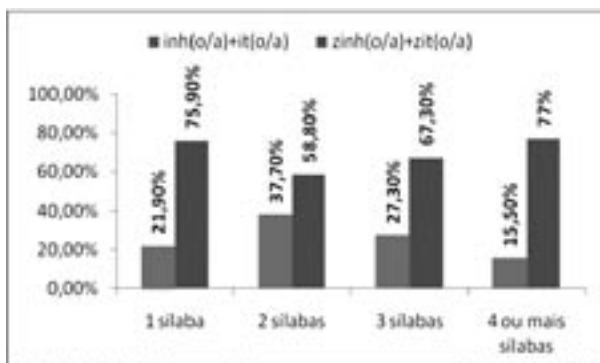
Uma das questões mais interessantes na análise destes dados é a da identificação das circunstâncias em que o sufixo preferido, i.e. *-zinh(o/a)*, não é o escolhido. A desagregação dos resultados que se segue contrasta o conjunto dos resultados dos sufixos mais escolhidos, i.e. *-inh(o/a)* e *-it(o/a)* com o dos z-diminutivos correspondentes, i.e. *-zinh(o/a)* e *-zit(o/a)*.



A classe temática apresenta-se como o factor mais ponderante na escolha entre diminutivos e z-diminutivos. Todas as classes temáticas preferiram os z-diminutivos, mas a escolha parece ser fortemente potenciada pela existência de um índice temático foneticamente identificável. Complementarmente, as classes temáticas de tema em *-e* (cf. *garezinha* (77,4%)) e de

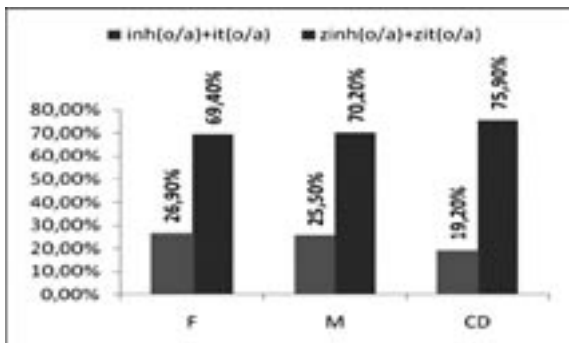
tema Ø (cf. *mulherzinha* (89,2%)) aproximam-se da classe das palavras atemáticas (cf. *mãozinha* (92,2%)), onde a escolha do sufixo diminutivo é quase residual.

O factor número de sílabas confirma a hipótese defendida em Villalva (2008), segundo a qual bases maiores privilegiam a sufixação em *-zinh(o/a)*. O mesmo se verifica com as palavras monossilábicas, embora quase todas sejam atemáticas e esse seja, como já foi dito antes, um factor de preferência para a escolha do z-diminutivo:



- | | | |
|------|---------------------------------------|---|
| (10) | <i>electrocardiogram-inha</i> (14,1%) | <i>electrocardiograma-zinho</i> (85,6%) |
| (11) | <i>conch-inha</i> (94,4%) | <i>concha-zinha</i> (5,6%) |
| (12) | <i>cha-inho</i> (0%) | <i>cha-zinho</i> (97,1%) |

No que diz respeito ao género, a preferência por *zinh(o/a)* confirma-se nos três casos (feminino, masculino e comum de dois). Nos nomes comuns de dois, a preferência pelo z-diminutivo é ainda mais expressiva, e este é um resultado que não era previsível. Na generalidade dos casos, as frases com nomes deste tipo não continham



qualquer indicação que condicionasse os inquiridos na fixação de um valor de género (cf. ... *lá na zona nem sequer têm _____ (atleta)...*). A escolha do sufixo permitiria manter essa ambiguidade, mas a preferência dos informantes foi exactamente a contrária: escolhendo um z-diminutivo fixaram um valor de género, predominantemente o masculino (cf. *atletazinho(s)* (65,3%)), embora também haja registo de escolha do feminino (cf. *atletazinha(s)* (2,8%)).

Da combinação dos três factores considerados se pode construir a hipótese de que as palavras atemáticas com 3 ou mais sílabas e subespecificadas quanto ao género são aquelas que apresentam uma preferência mais consistente pelos z-diminutivos (cf. *personagenzinho* (90,6%)). No extremo oposto, ou seja, no topo da preferência pela sufixação diminutiva simples, encontram-se as bases com 2 sílabas, de tema em *-a* femininas (cf. *perninha* (88,7%)) ou de tema em *-o* masculinas (cf. *ventinho* (94,3%)).

Os erros produzidos pelos falantes são um outro foco relevante de análise, entendendo aqui por erro tudo o que se não cabe no extenso quadro de possível variação na sufixação diminutiva. Uma grande parte destes erros tem uma manifestação ortográfica, mas indiciadora de questões gramaticais; outros são claramente erros morfológicos.

A grafia dos chamados diminutivos apresenta uma significativa variação, provavelmente resultante do confronto com a necessidade de passar a escrito palavras que são típicas do registo oral. Não se trata, no entanto, de uma mera questão ortográfica, dado que muitas das formas usadas são sintomáticas de reflexão sobre a estrutura destas palavras.

Um dos erros mais frequentes ocorre em diminutivos formados a partir de bases graficamente acentuadas, dado que preservam o acento gráfico da base (cf. *relógiozinho*, *relógiosinho* (57,5%)). Este é um erro que evidencia a consciência de que a base é uma palavra. Curiosamente, nos casos em que a base apresenta um diacrítico como o til, essa marca é frequentemente omitida no diminutivo (cf. *maezinha* (10,3%)), o que talvez se deva à intervenção de um processo de hiper correcção.

Nos diminutivos em *-inh(o/a)* formados a partir de radicais que terminam em vogal palatal (foneticamente muito próxima da vogal inicial no sufixo avaliativo), a grafia hesita entre a sua preservação ou supressão, com resultados igualmente insatisfatórios (cf. *melanciinha* (1,9%) vs. *melancinha* (2,8%)).

É também frequente que os sufixos z-avaliativos ocorram com um <s> inicial (em vez de <z>), sem que tal grafia tenha qualquer implicação fonética (cf. *faculdadesinha* (6,6%), *relogiosinho* (8,5%), *climasinho* (5,7%)).

Quanto aos erros morfológicos, são assim consideradas as respostas minoritariamente escolhidas, destacando-se os seguintes casos.

As bases femininas de tema em *-o* e as bases masculinas de tema em *-a* exibem uma considerável percentagem de casos em que o índice temático da base é substituído pelo índice temático não marcado para cada valor de género:

- | | | |
|------|-------------------------|--------------------------|
| (13) | <i>pijaminho</i> (8,5%) | <i>pijaminha</i> (78,3%) |
| (14) | <i>libidinha</i> (6,6%) | <i>libidinho</i> (10,4%) |

Formas como *foto* ou *moto*, que são formas truncadas de compostos morfológicos, mostram uma clara consciência de que o segmento final da base não é um índice temático, mas sim uma vogal de ligação:

- | | | |
|------|----------------------|-----------------------|
| (15) | <i>fotinha</i> (17%) | <i>fotinho</i> (0,9%) |
| (16) | <i>motinha</i> (50%) | <i>motinho</i> (1,9%) |

Um erro também frequente é o da preservação do sufixo do plural da base, na formação de z-diminutivos, ilustrando bem a consciência de que, nestes casos, a base é uma palavra flexionada (cf. *televisõeszinhas* (22,5%)).

Um outro erro é o que afecta bases de tema Ø, cujo radical termina em consoante fricativa. Esta consoante final pode ou não ser preservada, evidenciando a existência de um problema de fronteira entre a base e o sufixo e a própria escolha do sufixo (*-zinho* ou *-inho*):

- | | | | |
|------|-----------------------------|-----------------------------|----------------------------|
| (17) | <i>timidezinha</i> (66,9%), | <i>timidezzinha</i> (0,9%), | <i>timideszinha</i> (1,9%) |
| (18) | <i>ananasinho</i> (23,6%), | <i>ananazinho</i> (42,5%), | <i>ananaszinho</i> (9,4%) |

Ainda no que diz respeito a diminutivos formados a partir de bases de tema Ø, constata-se que o índice temático é graficamente registado no plural, mas com pouca frequência, (cf. *nozezinhas* (0,9%), *cicatrizezinhas* (29,1%)). Curiosamente, também se encontram registos no singular, embora neste caso tal se fique a dever a uma inadequada

tentativa de regularização (cf. *dorezinha* (0,9%), *cicatrizezinha* (0,9%), *arezinho* (0,9%), *melezinho* (0,9%), *salezinho* (1,9%), *solezinho* (0,9%)).

Em suma, as respostas ao inquérito sobre o uso de diminutivos no Português Europeu (e, mais especificamente, no dialecto de Lisboa), parecem indicar que:

- i. o pedido feito (i.e. ‘forme um diminutivo’) é entendido como significando ‘forme uma palavra usando o sufixo *-inh(o/a)* ou o sufixo *-zinh(o/a)*;
- ii. que a instrução é cumprida em 98% dos casos, pelo que, no Português Europeu parece não haver restrições à formação de nomes em *-inh(o/a)* ou *-zinh(o/a)*⁶;
- iii. que a preferência pelos sufixos z-avaliativos se relaciona com o facto de facilitarem o reconhecimento da base, ou seja, o processamento da informação;
- iv. e, por último, que a estrutura dos diminutivos formados por sufixação em *-inh(o/a)* e *-zinh(o/a)* descrita em Villalva (2008) se confirma como o padrão preferido pelos falantes.

Referências

- Grandi, N. & S. Scalise (2000) Semantic restrictions on diminutive formation: evidence from Italian. In C. Schaner-Wolles, J. R. Rennison e F. Neubarth (orgs) *Naturally! Linguistic Studies in Honour of Wolfgang Ulrich Dressler presented on the Occasion of his 60th Birthday*. Turim: Rosenberg & Sellier, pp. 133-142. *Houaiss Eletrônico*. Versão 3.0 (2009) Editora Objetiva.
- Skorge, Sílvia (1956) Os sufixos diminutivos em Português. *Boletim de Filologia*. XVI e XVII.
- Villalva, Alina (2000) *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCT, FCG. 2008. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Villalva, Alina (2008) *Morfologia do Português*. Lisboa. Universidade Aberta.
- Wiltschko, Martina (2006) Why should diminutives count? In H. Broekhuis, N. Corver, R. Huijbregts, U. Kleinhenz & J. Koster (eds.) *Organizing Grammar. Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk*. Berlim: Walter de Gruyter, pp. 669-679.

⁶ Grandi & Scalise (2000) sugerem que, em Italiano, os nomes massivos, que semanticamente não permitem a formação do plural, também não são diminutivizáveis. No Português, esta restrição parece não se verificar:

Italiano	<i>coraggio</i>	* <i>coraggi</i>	* <i>coraggino</i>
Português	<i>coragem</i>	* <i>coragens</i>	<i>coragenzinha</i>

A hipótese que se coloca é a de que essas restrições não existem no Português porque *-inh(o/a)* ou *-zinh(o/a)* não são apenas sufixos avaliativos, são também sufixos ‘retóricos’, e é esta última valência que legitima a inexistência de restrições.